

O Coletivo Profanações inicia suas atividades em julho de 2012 como disciplina eletiva na graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Devido ao interesse de vários estudantes da pós-graduação em Psicologia Social, bem como estudantes de outros cursos e de outras Universidades, a disciplina passa a ser oferecida, também, como projeto de extensão.

Nesse primeiro momento o grupo transita por várias linguagens, desde o teatro experimental, passando pelo psicodrama e pelo clown e experimenta-se uma série de exercícios cênicos agenciados pela filosofia da diferença. Agenciamento que abre caminho para exploração de um método. Numa estrutura mais tradicional de curso poderíamos entregar aos participantes exercícios contendo regras previamente elaboradas e bem definidas solicitando que as seguissem. Teríamos aí de forma clara e distinta o nosso método – uma dinâmica elaborada previamente – a nossa teoria – conceitos que nos dizem ser possível lidar com a realidade destes sujeitos através de uma tecnologia fixa – e nosso instrumento técnico – a aplicação do exercício.

Mas se tratando de um referencial da filosofia da diferença as coisas mudam consideravelmente. À medida em que mergulha nas intensidades da relação, o corpo do artista/filosofo torna-se seu instrumento técnico, pois se utiliza de alguns conceitos – teoria – afim de operacionalizá-los neste ambiente. Dessa forma, o método necessariamente precisa estar aberto aos devires do grupo.

Com essa metodologia propõe-se a fazer uma torção nas formas de produzir conhecimento. Não mais um conhecimento previamente dado, transmitido de forma vertical mestre/aluno, mas um processo de conhecimento por vir, que emerge da imanência do encontro. Onde se busca operacionalizar conceitos com o próprio corpo, produzir imagens e torce-las até o limite do representável. Uma vivência teórica que desterritorializa as forma canônicas de ensino/aprendizagem e abre espaço para o que nela afeta cada corpo - disparado pelo encontro corpo profanador/corpo conceitual. Trata-se de lidar com o conhecimento enquanto ética, estética e invenção de si.

Nesse sentido podemos dizer que esse projeto de extensão se propõe a criar um espaço que possibilite expressão/produção de sentidos através das ressonâncias entre filosofia da diferença e teatro. Para tanto se utiliza de exercícios cênicos inspirados pelo teatro de Jerzy Grotowski, Antonin Artaud, entre outros e do pensamento de Nietzsche, Deleuze, Agamben, Zourabichvili. A partir desta antropofagia teatral e filosófica abre-se espaço à criação cênica.

O coletivo encerra 2012 com onze (11) performances individuais. Tomado pelas possibilidades de criação e com a força destas obras resolve-se dar seguimento às atividades em 2013. Despindo-se do caráter de disciplina, abraçando novos profanadores e mantendo-se como projeto de extensão da UFRGS surge uma nova configuração, onde a aposta do grupo passa a ser pela criação de um trabalho que envolva, ao mesmo tempo, todos os participantes do coletivo. Se 2012 ficou marcado pela força das performances individuais à 2013 caberia, dado momento que o grupo atinge, um trabalho coletivo. Na tentativa de dar emergência a esses devires encontra-se em Friedrich Nietzsche um poderoso intercessor. A partir deste filósofo elabora-se um conjunto de exercício cênicos disparados pela

Genealogia da Moral. Exercícios que vem sendo trabalhados ao longo de 2013, mas que não se pretende encerrar numa unidade de espetáculo. Cabe ressaltar que o Coletivo Profanações não é um grupo de teatro, mas sim um coletivo que se utiliza do teatro para tensionar formas de poder/saber e dar lugar ao que pede passagem. Este trabalho foi aceito pelo XVII Encontro Nacional da ABRAPSO, a qual ocorrerá em Florianópolis em outubro de 2013 e pelo XXII Encontro Regional de Estudantes de Psicologia, que acontecerá em Lages em novembro de 2013. Para além dos espaços acadêmicos institucionais, o coletivo também tem desenvolvido relações com o espaços urbanos (ruas, parques, praças) na aposta de que o conhecimento acadêmico também seja profanado, restituído ao uso comum como coloca Agamben no texto Elogio da Profanação (2007).

Nesse ensaio, o filósofo italiano sustenta que a etimologia de religio está ligada a relegere – formulas que devem ser respeitadas ao separar o sagrado do profano – e não a religari – aquilo que une o humano ao divino. Ou seja, religião não é propriamente aquilo que liga ou que religa o homem a deus, mas sim justamente o que separa o sagrado do profano, que delimita o limite entre o que é de uso comum daquilo que está consagrado ao uso exclusivo.

Nesse sentido, profanar seria restituír algo religioso, que fora separado a uma esfera sagrada ao uso comum. “A profanação implica, por sua vez, uma neutralização daquilo que profana. Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde a sua aura e acaba restituído ao uso. (...) desativa os dispositivos do poder e devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado.” (Agamben, 2007, p.68).

Partindo da tese de Benjamin de que o contemporâneo tem por religião o capitalismo, que este seria para além de uma continuação direta do cristianismo, sua mais plena realização, Agamben problematiza algumas das garantias dadas aos cidadãos pelo Estado de Direito, a exemplo da propriedade privada, como impossibilitadoras do uso comum. Ou seja, a religião do capital, através da posse, estaria separando, sacralizando, colocando toda e qualquer relação com o mundo num altar inviolável. Num momento onde o uso comum estaria barrado pela relação com o sagrado a tarefa das próximas gerações, para o filósofo italiano, seria justamente encontrar meios para profanar o que hoje parece improfanável. Contudo, “profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas. A sociedade sem classes não é uma sociedade que aboliu e perdeu toda memória das diferenças de classe, mas uma sociedade que soube desativar seus dispositivos, a fim de tornar possível um novo uso, para transformá-las em meios puros”. (Agamben, 2007, p.75. grifo nosso) Nesse sentido, o Coletivo Profanações tenciona restituír ao uso comum territórios sacralizados, brincando num entre teatro e psicologia, descreindo o já posto, valorizando a experiência e a linguagem, levando-as aos seus limites e desestabilizando num corpo-a-corpo alguns dispositivos de poder.

A intenção, portanto, deste trabalho é a de levar ao salão de extensão, uma pequena cartografia sobre os modos de produção de conhecimento disparados pelo coletivo profanações, numa tentativa de trocar experiências em educação com outros projetos de extensão.